

NIVIANE RODRIGUES
REPÓRTER

Pouco mais de duas semanas após assumir o comando do País, com o afastamento da presidente Dilma Rousseff pelo Senado, e anunciar as primeiras medidas para tentar conter a crise econômica nacional, o presidente interino Michel Temer enfrenta não apenas a resistência e oposição de quem não aceita seu governo, mas denúncias contra ministros e gestores por ele escolhidos para compor uma nova equipe. Uma das medidas, a redução do número de ministérios e fusão a outros, é considerada pela doutora em Ciência Política e professora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Luciana Farias Santana, "uma medida que tem visibilidade junto à opinião pública, mas que não diminui o peso do 'estado'".

O clima, na avaliação da especialista, é de imprevisibilidade. Ela analisa que a intenção "parece ser a de melhorar o cenário econômico". No entanto, no campo político, afirma que o governo Temer "fez escolhas questionáveis, seja quanto aos vários de seus ministros e secretários, quanto ao líder do governo na Câmara dos Deputados".

Na entrevista que segue, a cientista política também analisa a expectativa em relação a possíveis mudanças em programas sociais e diz que "por se tratar de um novo governo, cria-se um clima de incerteza natural". Acompanhe.

Gazeta – Duas semanas após o Senado decidir pelo afastamento da presidente Dilma Rousseff e seu vice, Michel Temer, assumir o comando do País, é possível se fazer uma avaliação do atual governo?

Luciana Santana – O quadro ainda é de imprevisibilidade. Não há nada de muito concreto sobre as políticas públicas do governo. Nomes foram escolhidos para ministérios, houve uma redução do número de ministérios, a equipe econômica foi apresentada, mas o governo ainda não começou a governar e o Congresso Nacional continua paralisado.

Teríamos, neste momento, como comparar o governo de Dilma ao de Temer? Quais as características que os diferenciam?

Temer ainda não teve tempo de mostrar seu plano de governo de fato. O que temos até o momento são intenções e nenhum resultado ainda. As diferenças mais visíveis são: as características dos novos ministros, a quantidade de ministérios, uma equipe econômica mais conservadora do que a do governo Dilma e um apoio parlamentar ideologicamente mais coeso no que diz respeito ao apoio que será dado ao governo de Temer.

Na avaliação da senhora, o governo Temer segue para melhorar o cenário político e econômico brasileiro, que enfrenta um processo de crise? Ou não? Por quê?

A intenção parece ser a de melhorar o cenário econômico e, sob esse aspecto, várias medidas foram tomadas para isso, a principal delas é a escolha do nome para o ministério da Fazenda, com Henrique Meirelles. Não é possível adiantar mais porque o governo apenas apresentou suas intenções, mas não há nada de concreto ainda. A discussão da meta fiscal deve começar a ocorrer esta semana, no âmbito da Câmara dos Deputados. Sobre a crise política, considero um tema mais complexo, principalmente porque o vice-presidente é parte da crise política e, mesmo com forte apoio parlamentar, não teve nenhum movimento no sentido de apaziguar a crise, pelo contrário, fez escolhas políticas questionáveis, seja quanto aos vários de seus ministros e secretários, quanto ao líder do governo na Câmara dos Deputados.

E os ministros de Temer, qual sua avaliação em relação aos nomes que passaram a compor os ministérios? Quais as suas considerações quanto ao ministério que está sendo montado?

É um ministério formado majoritariamente por legisladores, ou seja, altamente político e poucos

nomes técnicos. Sem entrar no mérito da qualidade e qualificação dos ministros escolhidos, é esperado que o presidente interino tenha condições legislativas boas e necessárias para aprovação de sua agenda de governo, mas com problemas de interlocução e comunicação com a sociedade. Isso significa que as decisões políticas a serem tomadas podem não estar em consonância com os anseios sociais e, em muitos casos, poderão soar como impopulares. É um risco que o governo corre, mas como não sabemos como o Legislativo se comportará, de fato, isso ficará como hipóteses a serem comprovadas ou não. A crise política no Brasil abre espaço para muita instabilidade e incerteza no mundo da política.

Além de nomes citados na Lava Jato, a equipe de Michel Temer tem ministros que respondem a outras acusações na Justiça. Seria esta uma situação semelhante à do governo de Dilma, que teve vários de seus aliados investigados e até presos apontados em diversos crimes?

Sim. Não há nenhuma mudança quanto a isso. Sobre esse aspecto, há uma contradição entre o que era dito nas ruas e pela opinião pública, em geral, e o que se concretizou até o momento.

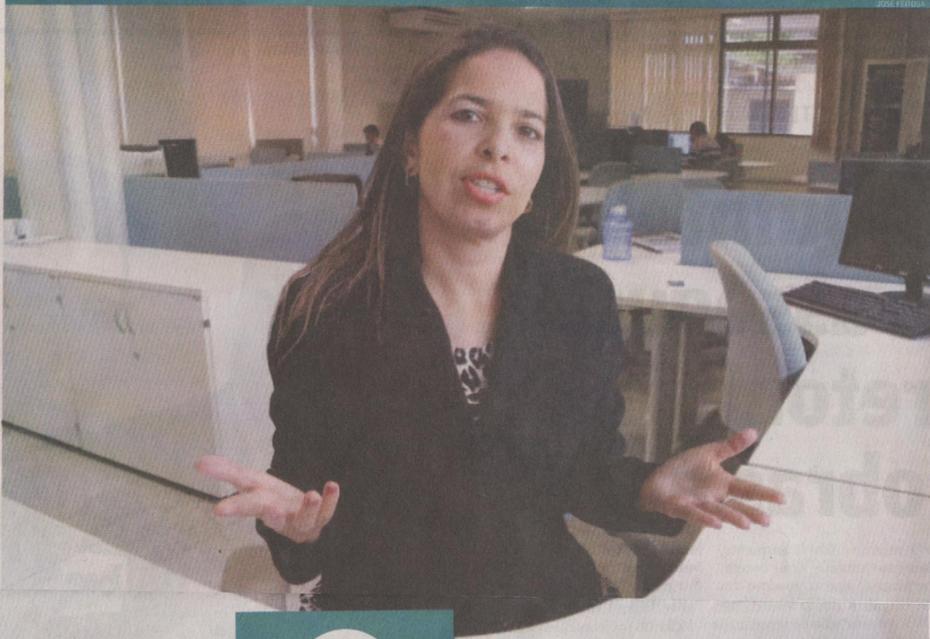
Algumas medidas especuladas, mas não anunciadas oficialmente por Temer, sobretudo na esfera social, criaram um clima de preocupação até mesmo entre aliados do atual governo. As medidas passariam por corte em programas sociais como o Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, e no Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Tudo foi negado pelo governo. Esse tipo de especulação agrava a instabilidade do País?

Sim, por se tratar de um novo governo, cria-se um clima de incerteza natural. O que ocorre é que, em meio a uma situação política extremada, esse clima de incerteza é potencializado. Sobre esse aspecto, é importante que o presidente interino apresente para a população quais são as políticas públicas que serão executadas, se e quais cortes ocorrerão e demais posicionamentos de governo que serão adotados. O que não pode acontecer é deixar ventilar uma situação, esperar a reação da opinião pública e, somente depois, tomar uma decisão.

Em outras áreas, o governo acena com a possibilidade de retorno da CPMF, reforma previdenciária, com o aumento de idade para

CRISE. Cientista política Luciana Santana vê cenário turbulento nos próximos meses

'PROPOSTA DE NOVA ELEIÇÃO DEVE GANHAR MAIS FORÇA'

LUCIANA SANTANA
CIENTISTA POLÍTICA

"A tendência é que o movimento em defesa de eleições presidenciais cresça, com o apoio de quem se posicionou contra o impeachment de Dilma e daqueles que até então eram favoráveis. Tudo vai depender dos próximos fatos envolvendo o governo Temer"

mada de decisões?

Há um erro em dizer que a redução de ministérios propicia redução significativa de despesas. É uma medida que tem visibilidade junto à opinião pública, mas que não diminui o peso do "estado". É uma mudança que tem caráter apenas simbólico. É importante estarmos atentos ao uso dos recursos e à qualidade das políticas públicas formuladas e executadas por esses ministérios, independentemente de sua quantidade.

Atrair investimentos externos e dar segurança jurídica aos investidores são questões citadas com frequência por Michel Temer. No curto espaço de tempo em que ele deve ficar na presidência da República, a senhora acredita que isso é possível?

Sim, são medidas necessárias para melhorar os investimentos no Brasil, mas o problema é que o presidente interino não apresenta de que forma tais propostas poderiam se concretizar.

Apesar de ser vice de Dilma Rousseff, Temer coloca-se na condição de opositor, numa postura de quem não fazia parte do governo da presidente afastada. O que isso significa? Que o PMDB nunca esteve de fato com o governo do PT?

Não. O PMDB nacional sempre esteve onde ele esteve. Não fico surpresa com o comportamento do partido porque sua intenção é sempre estar no poder, independentemente de quem seja seu aliado. A maioria do PMDB, na esfera nacional, esteve com o PT até o momento que era confortável estar com o partido.

Por outro lado, uma ala do PMDB não aprovou o impeachment. O que isso representa?

O PMDB é o partido mais enraizado do Brasil, mas é também o partido mais fragmentado internamente. Não há um único PMDB. São muitos "caciques" dentro de um mesmo partido e o resultado é esse, não há um comportamento uniforme dos seus membros. Nas esferas estaduais e municipais, em geral, operam com uma dinâmica distinta da esfera nacional.

O governo de Temer afirma ter encontrado o País em desmantelo, com um rombo nas finanças públicas e sucateamento dos órgãos federais. Esse tipo de situação comprovaria a má gestão do governo Dilma?

A gestão Dilma cometeu muitos erros de gestão, mas Temer e o Congresso Nacional são coparticipantes desse resultado.

Temos agora esse novo episódio envolvendo o ministro do Planejamento Romero Jucá. O que isso demonstra?

Demonstra que a corrupção é sistêmica e sistemática, não envolve apenas um ou apenas alguns partidos políticos, envolve muitos políticos e líderes dos principais partidos políticos brasileiros.

O que isso pode mudar?

O episódio que envolve o ministro Romero Jucá prejudica o governo Michel Temer. São fatos graves que precisam ser apurados. Espera-se que o ministro seja demitido e que responda por quebra de decoro no Senado e também judicialmente por seus atos. Corrupção e manobras políticas precisam ser penalizadas, independentemente de quem seja ou a qual partido pertença.

Pode-se reverter o que já é dado como certo, o impeachment de Dilma?

Não vislumbro mudanças porque as posições políticas dos senadores estão muito cristalizadas.

O Brasil estaria longe de viver um processo de moralização política?

Minha posição é de pessimismo quanto a isso. Não vejo perspectivas de melhoras. Espero que novas eleições possam dar respostas mais eficazes e funcionem como um antídoto às mazelas da política no Brasil.

A possível cassação do mandato da presidente Dilma Rousseff deve refletir nas eleições de outubro. Em que aspectos?

Sim, mas não são determinantes nos resultados. As eleições municipais têm uma lógica e dinâmica própria. Vários outros aspectos devem ser considerados, candidatos, alianças, recursos de campanha, avaliação de gestão atual, se é reeleição ou não, dentre outros.

A senhora acredita que a tendência é de fortalecimento do movimento em defesa de antecipar as eleições para presidente da República?

Sim. Diante dos novos episódios que envolvem denúncias de corrupção, o movimento tende a ganhar força. A tendência é que o movimento em defesa de eleições presidenciais cresça, com o apoio de quem se posicionou contra o impeachment de Dilma Rousseff e daqueles que até então eram favoráveis. Tudo vai depender dos próximos fatos envolvendo o governo de Michel Temer. ◻